

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
27 e 29 de março de 2025

THE COMANCHEROS/ 1961

Os Comancheros

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz/ **Argumento:** James Edward Grant e Clair Huffaker, segundo a novela de Paul I. Wellman/ **Fotografia:** William H. Clothier/ **Direcção Artística:** Jack Martin Smith, Alfred Ybarra/ **Montagem:** Louis R. Loeffler/ **Música:** Elmer Bernstein/ **Guarda-Roupa:** Marjorie Best/ **Intérpretes:** John Wayne (Jake Cutter), Stuart Whitman (Paul Regret), Ina Balin (Pilar), Nehemiah Persoff (Graile), Lee Marvin (Crow), Michael Ansara, Bruce Cabot, Pat Wayne, Joan O'Brien, Jack Elam, Edgar Buchanan, Henry Daniell, John Dierkes, Bob Steele, Guinn "Big Boy" Williams

Produção: George Sherman, para a 20th Century Fox/ **Cópia:** DCP, colorida, legendada eletronicamente em português/ **Duração:** 107 minutos/ **Estreia Mundial:** New York, 30 de outubro de 1961/ **Estreia em Portugal:** Politeama, 25 de janeiro de 1962

É estranho que dois dos melhores directores de filmes de acção, Michael Curtiz e Raoul Walsh, apenas tenham trabalhado com John Wayne um par de vezes: Walsh em **The Big Trail** e **Dark Command** e Curtiz em **Trouble Along the Way** e este **The Comancheros**. Disse que é estranho, quando deveria ter dito «é pena». Porque de estranho nada tem dada a ligação de vedetas e realizadores aos estúdios a que estavam sujeitos por contrato. Apesar de tudo, Walsh sempre cruzou o caminho do Duke por duas vezes na época de ouro dos estúdios. Quanto a Curtiz, já na sua fase de decadência, terá sido mero acaso. De qualquer forma, a ligação Curtiz-Wayne também teve um momento feliz, o deste **The Comancheros**, que acabou por ser o último filme do realizador, quando o seu resultado podia anunciar outros frutos futuros daquela cooperação.

Com **The Comancheros**, Michael Curtiz encerra em beleza uma carreira iniciada quase meio século antes, em 1912 no seu país natal, a Hungria e que se desenvolveu ao longo do século e das circunstâncias políticas, pela Áustria, Alemanha e, finalmente, os Estados Unidos, seu país de adopção a partir de 1926, onde se especializou nos filmes de acção enérgica e de aventuras espectaculares, dirigindo os intérpretes com mão de ferro em filmes como **The Charge of the Light Brigade**, **Dodge City**, **The Sea Hawk**, **The Sea Wolf**, e o clássico romântico **Casablanca**. O fim do seu contrato com a Warner, que é também o fim da época dourada dos estúdios, não lhe foi benéfico, com uma série de obras desequilibradas ao longo da década de 50. **The Comancheros** parecia ter, finalmente, quebrado o enguiço, graças ao seu encontro com John Wayne,

que na altura se encontrava a braços com as dívidas provocadas pela sua produção (e realização) de **The Alamo**, explorando, por isso, a sua imagem numa série de filmes, entre os quais **The Comancheros**, que se pode dizer ser um fim em beleza para a obra de Curtiz.

Não que **The Comancheros** seja uma obra-prima, mas a energia que o alimenta, o humor e um certo gosto pelo excesso, estão na linha dos melhores filmes de aventuras que o realizador fez para a Warner, mostrando o mesmo *savoir faire* e capacidade de encenar as cenas de acção de filmes como **The Charge of the Light Brigade**, **Dodge City** ou **Virginia City**: é ver as espectaculares cenas dos ataques dos índios ao rancho onde estão Wayne e os amigos, ou, principalmente, a cavalgada e ataque dos Rangers ao reduto dos comancheros. Mas não é só nisso que se encontra ainda bem viva a mão de Curtiz. A personagem de Graille (Nehemiah Persoff), o líder dos comancheros, é uma figura que se encontra com alguma frequência na sua obra. A sua ambição de poder e força, a arrogância da superioridade, a própria deficiência que potencia os seus desejos de domínio sobre os outros, coloca-o na linha de um personagem como o Wolf Larsen (Edward G. Robinson) na obra-prima do realizador, **The Sea Wolf**.

No que se refere ao intérprete, **The Comancheros** é um puro «John Wayne» do último período da sua carreira, aquele em que a sua presença basta, como elemento decisivo para a carreira de um filme, e é também um dos melhores, à parte os que ainda iria fazer para Ford e Hawks. De certo modo, **The Comancheros** forma um bom par com **North To Alaska**, que lhe é imediatamente anterior, explorando duas vertentes que convergem para a imagem clássica do Duke: o filme de pura acção (**The Comancheros**) e a comédia de aventuras (**North To Alaska**), convergência feita, de forma perfeita por Howard Hawks.

Outro elemento a destacar no último filme de Curtiz: ele marca o primeiro dos três encontros de um pitoresco, truculento e violento par: John Wayne e Lee Marvin. Marvin surge com um perfil e maneiras que anuncia o seu famoso Liberty Valance, no filme que John Ford dirigirá no ano seguinte, e é evidente que a sua criação do pistoleiro e contrabandista Crow neste filme, deve ter influenciado a sua escolha para o de Ford. Mas há, também, um excesso e uma truculência na sua personagem que o aproxima (com a ajuda do combate meio cómico com John Wayne) do seu terceiro encontro com Wayne: o marinheiro zaragateiro de **Donovan's Reef**.

No seu conjunto, **The Comancheros** é um excelente espectáculo de aventuras, cujo único problema será a cópia tão «maltratada» em que o iremos ver.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico